

# A Tradição do Entrudo e os Cardadores de Vale-de-Ílhavo: Identificação e Caracterização das Paisagens Visuais e Sonoras

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.21>

**Helena Maria da Silva Santana**

Departamento de Comunicação e Arte, Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal  
<https://orcid.org/0000-0002-9258-6410>  
hsantana@ua.pt

**Maria do Rosário da Silva Santana**

Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança, Escola Superior de Educação Comunicação e Desporto, Instituto Politécnico da Guarda, Guarda, Portugal  
<https://orcid.org/0000-0002-4010-1426>  
rosariosantana@ipg.pt

## Resumo

Tendo como objetivo a identificação e valorização dos recursos do território, perceberemos neste a edificação de diferentes patrimónios materiais e imateriais que nos levam a refletir sobre a maneira como um povo se mostra e diz num espaço vivencial, a cada tempo e espaço, mais plural e multicultural. Pondera-se neste texto sobre a efemeridade ou a permanência de um “ser” e “ter” que se fazem outros, num constante criar e recriar de festas e tradições. Neste contexto, e em épocas específicas do calendário judaico-cristão, vimos emergir práticas iniciáticas e ritualísticas próprias. Centrando a nossa atenção nas festividades do entrudo e na prática ritualística e iniciática promovida pelos cardadores de Vale-de-Ílhavo, uma prática que se declara recurso material e imaterial desta região e povo, e elemento de uma narrativa multicultural, visual e sonora própria, será nossa intenção perceber o modo como este recurso se projeta no imaginário das gentes. Questionando narrativas e práticas, pretendemos expor ainda o modo como a máscara e a indumentária dos cardadores se distinguem, buscando delinear as circunstâncias onde se expõem. Analisaremos

também a forma como se evidenciam os símbolos e as práticas, expondo imaginários e manifestações civilizacionais próprias, numa construção identitária de inegável valor e significado.

## Palavras-Chave

cardadores, entrudo, ritual, narrativas visuais, narrativas sonoras

## Introdução

Tendo como objetivo principal a identificação e valorização dos recursos do território, sejam eles materiais ou imateriais, enquanto elementos e fatores críticos e estratégicos de desenvolvimento cultural, mas também social e económico, ponderamos efetivar uma reflexão sobre a forma como um tempo tão particular do calendário judaico-cristão como é o carnaval, e um objeto tão particular como é a máscara e os contextos materiais e imateriais em que se insere, se manifestam num conjunto de rituais e ritos que se concretizam em diversos tempos e lugares do nosso território. No sentido de melhor definir, focar e concretizar a investigação, delimitamos progressivamente o nosso campo de ação, concretizando a pesquisa num conjunto de elementos associados a um tempo e lugar próprios, o tempo e o lugar onde se realiza o ritual e o rito das festividades de inverno, nomeadamente o entrudo e o carnaval numa região do centro do país: a região de Vale-de-Ílhavo, no concelho de Ílhavo, distrito de Aveiro.

Sabemos que as manifestações culturais onde a máscara, mas também o fogo, o escárnio e o maldizer são usados como formas de renovação e expurgação de todos os males nos permitem analisar os elementos de uma cultura e tradição nas suas variadas vertentes, buscando os seus elementos mais genuínos e autênticos. Ao perceber de que forma um património material e imaterial se mostram e dizem, e o modo como podem contribuir para a preservação de uma cultura conduzindo ao desenvolvimento social e económico de uma região, podemos progressivamente traçar uma perspetiva de desenvolvimento social e cultural mais alargado, promovendo o crescimento da economia local e regional, no fluxo e afluxo de pessoas e bens que se concretiza.

As atividades desenvolvidas no contexto das festividades e festas do entrudo e do carnaval conduzem sempre a deslocação de pessoas e bens, e concomitantemente, ao desenvolvimento económico e social, adquirindo os espaços e territórios dinâmicas que incitam o retorno à terra e à exploração de espaços de pequeno comércio e indústria que difundem os produtos regionais. Essa dinamização apela à realização de eventos de natureza vária, nomeadamente feiras e festivais, mas também aqueles que nos propomos aqui analisar, adquirindo um papel decisivo na gestão e dinamização dos espaços e dos territórios. Neste sentido, permitimo-nos a análise de uma dinâmica cultural e social particular: o ritual do entrudo e dos cardadores da região de Vale-de-Ílhavo no litoral centro de Portugal.

## O Entrudo em Vale-de-Ílhavo

Em Vale-de-Ílhavo, no concelho de Ílhavo, distrito de Aveiro, e enquadrada no ciclo de festas de inverno e do carnaval, surge uma manifestação cultural com regras e princípios próprios, e, em alguns elementos, semelhantes aos que caracterizam as festas e romarias de carácter iniciático praticadas em outras regiões do país. Esta prática, recupera, e no dizer de Ferreira (2016),

de um passado longínquo rituais de iniciação dos rapazes, através de um grupo exclusivo de rapazes e homens solteiros a que chamam Cardadores – numa alusão ao cardar da lã – formando uma espécie de sociedade secreta, em que guardar segredo é condição fundamental para se ser aceite. (p. 10)

São seus intervenientes, os cardadores, cuja presença remete a épocas remotas. Na sua forma de atuar, “são pessoas singulares, sempre envoltas em mistério e erotismo, quer pelo colorido dos trajes, quer pelas exóticas atuações, pretendendo em público definir a sua identidade” (Ferreira, 2016, p. 10). Também aqui, e à semelhança do que acontece no norte do país, não é possível determinar ao certo a origem desta prática. “A sua origem permanece no mistério, uma incógnita que certamente perdurará no tempo” (Ferreira, 2016, p. 10). Socialmente, e à semelhança dos seus congéneres – os caretos –, os cardadores têm uma função social e iniciática importante. Todos os anos, e cerca de 1 mês antes do carnaval, os rapazes do lugar juntam-se num lugar secreto, designado de “caserna”, para dar início aos preparativos do carnaval. As reuniões realizadas todos os dias até ao final da festividade, servem não só para iniciar os novos, como para determinar as regras de conduta, conceção e construção da máscara e das vestes, bem como da saída do grupo no domingo gordo e terça-feira de carnaval. À semelhança de muitos ritos de iniciação, todo o processo comporta três fases: a primeira, o afastamento; a segunda, o ritual traumático; a terceira, a purificação (Morin, 1948/1970). Do grupo fazem parte os jovens da terra, e unicamente esses, não sendo permitida a inclusão de jovens de outras proveniências e lugares.

Para se ser aceite é necessário ser-se solteiro e morar em Vale de Ílhavo, embora esta obrigatoriedade de morar em Vale de Ílhavo seja já uma adaptação da regra inicial que obrigava a que se fosse natural e morador de Vale de Ílhavo. Hoje, se não nasceu em Vale de Ílhavo, mas vive lá há muito tempo e é reconhecido como sendo da terra, revelando um comportamento e personalidade de agrado dos Cardadores, pode candidatar-se a ser aceite no grupo. (Ferreira, 2016, p. 14)

Percebemos o bairrismo e as rivalidades inerentes a esta prática, bem como a evolução imposta pelo transformar de uma sociedade que se faz, a cada ano, mais parca, não só de jovens, como de um interesse por parte destes pelos rituais, ritos e tradições da sua terra. Neste sentido, prevemos progressivamente uma desintegração do grupo, do ritual e do rito, e, conseqüentemente, da comunidade, contribuindo para o seu desenraizamento social, cultural e local. Cientes desta realidade, os elementos continuam estritos na inclusão dos novos. Excluídos à partida encontram-se aqueles “que se envolveram em problemas com a justiça ou com o consumo de substâncias

ilícitas, bem como aqueles que pertencem a forças militares ou outras militâncias públicas ou institucionais” (Ferreira, 2016, p. 149). Desta exigência resultam mais uns quantos fatores de debandada ao grupo, ao ritual e ao rito. No entanto,

em Vale de Ílhavo, a existência deste grupo de mascarados terá funcionado como regulador da vida da comunidade ( ... ). Hoje com uma função menos reguladora, apresenta-se principalmente como agregador da comunidade pela via do lúdico e da solidariedade social. Representam a memória de uma comunidade, qual museu vivo da época de Entrudo e dos rituais com máscaras, marcando a diferença pela originalidade, mistério e exotismo das suas performances. (Ferreira, 2016, p. 61)

Apesar dos inúmeros atropelos da vida moderna, a tradição vai conseguindo sobreviver ao passar dos tempos e a influências externas, em muito por parte do empenho e engenho dos mais velhos que veem na sua prática um meio de evidenciar e valorizar um lugar, um ritual e uma tradição. Inserido nas festas carnavalescas, contendo um ritual e cerimonial específico, o cortejo dos cardadores, o culminar de todo o processo ritual e iniciático, atrai numerosos forasteiros, contribuindo para o desenvolvimento turístico, social e económico da região.

## Os Cardadores de Vale-de-Ílhavo

O grupo pode ser definido como um conjunto de rapazes que manifestam comportamentos iniciáticos visando a passagem à idade adulta e a integração na comunidade. Neste sentido, fazem parte de um grupo secreto, cujas atividades apresentam um secretismo evidente. Paradoxalmente, vislumbramos o conhecimento e reconhecimento identitário de todos os elementos pois que, se se constituiu de todos ou de parte dos jovens rapazes da terra, e se estes devem encetar um procedimento e um ritual próprio, ritual esse que começa cerca de 1 mês antes do carnaval, e detém comportamentos e regras fixas do conhecimento de todos, não será difícil, num meio pequeno, perceber quem são. Juntos, os cardadores,

formam um grupo orientado por um ou mais chefes, com regras muito específicas e rígidas, que não estão escritas, sendo apenas transmitidas oralmente entre os Cardadores e unanimemente aceites. A chefia é um privilégio dos mais velhos, enquanto Cardadores, e somente solteiros. Os chefes são responsáveis por toda a logística, desde as compras até à manutenção da “caserna”. São também responsáveis por aferir se o comportamento de os “novos” está em sintonia com a filosofia de vida preconizada pelos Cardadores. (Ferreira, 2016, p. 14)

Sendo necessário cuidar de toda uma logística, nomeadamente a compra do vinho e do bagaço que se consome durante toda a época do ritual e noites de reunião, está estabelecido o pagamento de uma “jóia” (Ferreira, 2016) que varia a cada ano, em função do preço dos bens consumidos e do número de cardadores, ou aspirantes a cardador, que integram o grupo. O ritual, que pressupõe uma *praxis* instituída, e aceite por todos, inicia a um sábado, o chamado “sábado da limpeza”, o dia em que todos se reúnem para limpar o local das suas reuniões – “a caserna”. Este dia acontece cerca de 1 mês antes

do carnaval, sendo limpos não só a caserna, como os terrenos circundantes, e toda a envolvente<sup>1</sup>. Este trabalho é realizado pelos mais novos, sendo função dos mais velhos assegurar a sua correção. Na segunda-feira seguinte, começam as reuniões com a eleição das chefias, bem como dos critérios de admissão dos novos membros. A admissão de novos membros é um processo exigente e rigorosamente regulamentado. É um processo que passa por várias fases.

A primeira começa com a aceitação e entrada no grupo e com o período de aprendizagem: da manufatura das máscaras, do ensaio das danças, saltos e urros, do manejo das cardas, das regras da “caserna” e, finalmente do modo de vida dos Cardadores. (Ferreira, 2016, p. 17)

As fases seguintes serão concretizadas ao longo de todo o processo de construção do carro, e nas saídas públicas no domingo gordo e terça-feira de carnaval. Quando um “novo” é admitido, os mais velhos atribuem-lhe uma alcunha. É por essa alcunha que será conhecido e chamado. O grupo assume o papel de tutor e o jovem candidato a cardador, depois desta fase, nunca mais será deixado sozinho, encontrando-se em teste<sup>2</sup>. Verifica-se, a evidenciação, segundo Morin (1948/1970), da primeira fase de muitos ritos de iniciação, o afastamento, tanto social como familiar. Em seguida, confirma-se a segunda das fases, o ritual traumático, composto pela prática de uma praxe e pelo cumprimento das regras, dos princípios e tarefas impostos, bem como de um código de conduta associado. O seu incumprimento, bem como o afastamento das práticas grupais, pode ditar o pagamento de multas ou a expulsão. A terceira das fases, a purificação, dá-se quando o “novo” integra o cortejo final, objetivo de toda esta prática e ritual, que passa pela construção dos carros, das indumentárias e sobretudo da máscara que define o cardador (Morin, 1948/1970).

De salientar que a noite de sábado para domingo de carnaval é uma etapa muito importante no ritual. Nessa noite, e contrariamente ao estabelecido, é permitida a visita dos antigos cardadores que saíram do grupo por se terem casado, e o convívio com os demais. Nessa noite, denominada de “noite da pregação”, os cardadores anunciam-se ao som do búzio ou do corno, vestindo gabões que denunciam a solenidade do ato, para a comunidade. A noite decorre na abundância do consumo de álcool, pois o “santo” Vale, ou Vai Vieira Bandarra, não é mais do que um pipo de vinho, que todos devem adorar e esvaziar (Ferreira, 2016). No domingo de carnaval faz-se o primeiro desfile, sendo que neste dia é imperativo não levantar a máscara, para que a identidade dos membros do grupo não seja revelada. Como seria de prever, é um momento singular para todos, em especial para os “novos”. É também o momento de libertação de energias acumuladas, que se traduzem na exuberância dos saltos, dos guinchos e dos roncos. No final do desfile, os “novos” recolhem mais cedo a casa, acompanhados pelo grupo, que assiste à retirada das vestes. Os mais velhos permanecem até mais tarde pelas ruas do lugar dando largas às suas práticas. Na segunda-feira, o dia de ir

---

1 Se em tempos idos, e em face do secretismo necessário e das perseguições de que eram alvo por parte das autoridades policiais adstritas ao regime, o local de encontro, a “caserna”, mudava de sítio todos os anos, mais recentemente, e fruto da evolução dos tempos e da sociedade, mantém-se o mesmo, sendo que a sua localização é do conhecimento de todos na região.

2 Este acompanhamento faz-se inclusive no sentido do cumprimento dos compromissos familiares e escolares.

às “bichaneiras” (também conhecidas por mimosas ou acácias), os elementos do grupo saem para colher ramos de mimosa ou acácia nos campos ao redor do lugar. Os ramos servem para decorar o carro, vulgarmente uma carroça, que sairá no desfile de terça-feira de carnaval. A carroça, puxada pelos mais novos, é decorada não só com os ramos de bichaneiras, mas também com máscaras mais antigas, uma cruz de pau na qual suspendem, para além de uma máscara, uma imagem feminina (calendário erótico), em pose e vestes sensuais. Acrescem, no conjunto dos materiais carregados, todo um conjunto de instrumentos musicais, rolos de papel de seda de várias cores, elevando a exuberância e riqueza plástica e visual do carro. Na noite de segunda para terça-feira de carnaval, procede-se ao ritual da “confissão”. Juntos na “caserna”, os cardadores confessam as suas faltas, recebendo como punição um castigo, que será mais ou menos grave, conforme as faltas cometidas.

Depois de cumprido o castigo, o cardador encontra-se liberto e purificado, pronto para o novo ciclo que se avizinha, cumprindo os rituais de purificação e regeneração, próprios da época. Na terça-feira de carnaval, o dia em que se regista o ponto alto dos festejos, o culminar de todo um ritual de sociabilização e passagem à idade adulta, a azáfama começa logo cedo. Acabam-se as tarefas de preparação do carro e dá-se início ao processo de transformação do indivíduo. O desfile alegórico inicia cerca das 13 horas. Principiando pelas ruas da localidade de Vale-de-Ílhavo, dirige-se até à cidade de Ílhavo, sendo que pelo caminho os cardadores vão dando largas às suas práticas, cardando as raparigas. Associado ao entrudo de Vale-de-Ílhavo, procede-se ainda à “queima do Judas”, ato de purificação e regeneração de toda a comunidade, onde um boneco de palha é queimado depois de julgado, sentenciado e enforcado. Por toda a região é corrente verem-se nesta altura “Judas” expostos na praça pública, normalmente pendurados em postes de eletricidade ou outros equipamentos urbanos, representando alguém da comunidade que se quer julgar e ridicularizar. É comum os populares juntarem-se junto do “Judas” e comentarem os versos que o mesmo traz ao peito e que dizem da sua natureza e identidade. Através desta prática, expurgam-se ódios e males, de modo que o convívio e a sociabilização se façam de forma mais pacífica e ordeira no resto do ano<sup>3</sup>. Em tempos idos, e segundo Ferreira (2016) não era um “Judas” que era julgado, mas o “santo”. Segundo o autor,

tempos houve em que o “santo” era um boneco de palha, vestido de fato e gravata vermelha, relógio de corrente de imitação e máscara de cardador, que seria julgado e enterrado na noite de Quarta-feira de Cinzas, realizando-se uma dança com rapazes e raparigas, em que as raparigas eram as queixosas contra o “santo”, e os rapazes a favor. A cerimónia de julgamento e enterro do “santo” tinha espetacularidade: gritava-se e chorava-se e tudo terminava à meia-noite. (Ferreira, 2016, p. 61)<sup>4</sup>

<sup>3</sup> É comum aquele, ou aquela, que são alvo das suas práticas se enfurecer por ver aclamadas em praça pública as suas condições. Contudo não é intenção desta prática humilhar ou subjugar ninguém.

<sup>4</sup> Conta-se que também existia “um livro do ‘santo’ com as queixas de sete mulheres, esse livro supostamente queimado, (...) continha anos de cultura popular, de ditos e cantares de que hoje muita pouca gente se recorda” (Ferreira, 2016, p. 61). Lembram os mais antigos que a última vez que se realizou o enterro do “santo” foi em 1965 (Ferreira, 2016).

Como traje, o cardador possui, à semelhança dos caretos de Podence e Lazarim, uma máscara e indumentária próprias. Das vestes fazem parte duas peças de lingerie feminina (*baby-doll* e calção), um lenço de tricana colorido que lhes tapa o peito, meias de renda (às quais são cozidos pompons de lã) e sapatilhas. À cintura, dispõe de um cinto ao qual foram presas várias campainhas e chocalhos; nas mãos, duas cardas<sup>5</sup>. As cardas servem para “cardar” as raparigas; o cinto de campainhas e chocalhos, bem como os roncões e grunhidos, os saltos e as correrias que antecedem a investida, também<sup>6</sup>.

Só os Cardadores têm permissão de tocar nas raparigas, no ato de cardar, que embora carregado de erotismo é atualmente muito mais ordeiro e respeitador; e se tal não acontecer o “chefe de rua” (eleito pelos chefes da “caserna”) castiga o prevaricador com a ida para a “casa de saída”, a retirada do fato e da máscara e o abandono do grupo. (Ferreira, 2016, p. 42)

A máscara que completa o disfarce é composta pelas “paródias”, pelas “fitas” ou “gazetas” e, pela “cara”. Como exposto em Ferreira (2016):

as paródias, as fitas e as gazetas compõem a parte posterior da máscara simbolizando a cabeleira. (...) Por baixo das “paródias” são cosidas com um fio de vela umas à outras, cortadas mais largas e mais compridas, “fitas” ou “gazetas”, aproveitando-se o papel ao comprido e dobrando-se um pouco na parte de cima (zona da costura). (p. 25)

A cara é feita de pele de ovelha cosida num pedaço de ganga<sup>7</sup>. Desta cara fazem parte uns olhos e uma boca cujos contornos, de cortiça, foram pintados de vermelho. O nariz, bastante comprido, feito de pano igualmente de cor vermelha, surge preenchido com algodão sendo semelhante a um falo<sup>8</sup>. Por cima dos olhos, são colocadas, anualmente, duas asas de ave que se denominam “penhaços”. Da máscara faz ainda parte um bigode feito com pêlos de rabo de boi ou cavalo<sup>9</sup>.

A máscara constitui o elemento principal de todo o disfarce. Segundo Ferreira (2016), “é na máscara que os Cardadores colocam todo o seu orgulho, toda a sua habilidade e, como tal, todos os anos novas máscaras aparecem, outras são feitas ou melhoradas, sempre na mira da espetacularidade” (p. 25). Depois de disfarçados, e organizada a saída, os cardadores fazem-se à estrada, cardando e atormentando as raparigas mais jovens, e todos aqueles por quem passam. As fitas da sua indumentária são por vezes alvo da fúria das raparigas que, tentando afastá-los, as arrancam. Por vezes, o seu nariz é igualmente alvo da sua violência, percebendo-se o intuito da mutilação. De forma mais amistosa e carinhosa até, as fitas são oferecidas a alvos da sua particular

5 Em tempos idos, estas cardas continham os picos característicos. Mais tarde suavizaram-se usando uma lixa. Agora são de madeira lisa para não magoar.

6 Os cardadores mais velhos, casados, que já não fazem parte do grupo, são igualmente alvo da sua investida (Ferreira, 2016).

7 Em tempos mais antigos utilizaram a pele de texugo (Ferreira, 2016).

8 O nariz e a boca simbolizam os órgãos genitais (Ferreira, 2016).

9 Vale-de-Ílhavo é um lugar rural, sendo que na composição da máscara sobressaem materiais e elementos dessa mesma ruralidade.

atenção e estima, raparigas ou senhoras, ou a alguma criança que se mostre mais assustada com a investida no intuito de a acalmar.

As “fitas” destinam-se a ser oferecidas a quem as pede ou a quem o Cardador tem gosto em oferecer, sendo usual serem o elemento apaziguador de algum choro assustado dos mais pequeninos ou o delírio da criança que corre atrás dos Cardadores para lhes roubar alguma fita. É também usual ser elemento decorativo de algum quarto de dama. (Ferreira, 2016, p. 25)

Para além da indumentária, do traje e da máscara, ao longo de todo o desfile, sobressai um odor forte a Tabú, perfume da sua preferência e que marca a presença e passagem do cortejo dos rapazes.

Barato, de odor muito intenso, foi perfume de eleição dos mais velhos nos seus tempos de jovem. Este perfume tornou-se marca dos Cardadores e um modo de se fazerem anunciar. Para além de “bem perfumados”, trazem também escondido em algum refego da roupa, um frasquinho de perfume com que brindam, com umas cheirosas borrifadas, aqueles com quem se cruzam. (Ferreira, 2016, p. 26)<sup>10</sup>

No nosso entender, um claro ato de dominação e posse.

## As Paisagens Sonoras e Visuais que Desta Prática Emergem

O sonoro e o musical desenvolvidos pelas ações dos cardadores de Vale-de-Ílhavo realizados aquando dos rituais e dos ritos, das arruadas e do ato de cardar, surgem como elemento identificador e diferenciador desta atividade. Os sons narrados, os urros, os gritos, os saltos, os chocalhos e os sinos, produzem elementos musicais e sonoros que trazem à performance um carácter festivo e a diferenciação sonora que os torna únicos no panorama festivo e musical onde se inserem. A música, simultaneamente, não é pertença única destes rituais. Acompanha não só as performances e as arruadas, como é o elemento que lhes fornece a energia necessária ao contexto de atuação. A paisagem sonora concretiza-se no conjunto dos elementos que se enformam no contexto da prática. Schafer (1977/1997) adverte, em função desta diversidade, para a existência de inúmeras possibilidades de escuta da paisagem. Os diferentes ambientes sonoros, em constante mutação, compreendem os sons da natureza e os sons artificiais, o som dos instrumentos musicais, das máquinas, os sons que nos chegam à noite e durante o dia, na cidade e no campo, numa escuta diferenciada que reclama, de nós, o silêncio para a sua fruição.

Neste sentido, investigações recentes contemplaram algumas das múltiplas escutas possíveis da paisagem sonora, mormente aquelas referentes aos rituais e aos ritos de carnaval (Furlanetto, 2017). Essas escutas tornaram possível que de um e outro lado do mundo surjam eventos musicais que “sussurrem geografias emocionais, profundas,

---

<sup>10</sup> O perfume tem um odor tão intenso que, apesar dos trajes serem lavados anualmente, e estarem arrumados quase um ano, quando retirados dos arrumos para serem usados e aperfeiçoados no novo ano, ainda contém o odor a Tabú do ano anterior (Ferreira, 2016).



essencialmente humanas” (Furlanetto, 2017, p. 22). Esta perspectiva de escuta, baseada numa escuta dos sons locais aporta, no caso dos cardadores de Vale-de-Ílhavo, os sons da arruada, dos tambores, dos cornos, dos sinos, dos chocalhos, dos urros e de toda a gritaria alocada à prática do cardar. Em função do local onde se realiza o ritual e a arruada, e à semelhança dos distintos usos dos instrumentos, dos elementos e das máscaras, dos atores e autores da ação, encerra uma diversidade de objetos e leituras. A riqueza do sonoro que se projeta na ação dos cardadores e no desfile onde se integram dialoga com a riqueza dos elementos visuais que a sua prática encerra. Vejamos a riqueza dos elementos presentes nas suas vestes, mas também na “caserna”, na carroça, bem como nos diferentes carros e temas que integram o desfile de carnaval e que se projetam não só visual, como sonoramente.

## Conclusão

Os excessos do entrudo e do carnaval são permitidos e vistos como um momento de passagem para um tempo de introspeção e reflexão. Desta imbricação entre sagrado e profano, os ritos irrompem da riqueza do património material e imaterial que se encontra ligado a estas práticas e ao uso das máscaras, dos trajés e ao seu aspeto zoomórfico. A genuinidade destas manifestações encerra um misto de real e de imaginário, outorgando poderes mágicos e divinatórios. Estudadas por diversos autores, estas práticas revelam a identidade de um povo e dos lugares. A festividade, seja ela de natureza religiosa ou profana, constitui um lugar privilegiado de descoberta do ser humano nas suas mais diversas facetas e expressões. Marcando um ritmo de vida, definindo labores nos seus tempos e lugares, a festividade e o rito estruturam, apoiados num tempo que se define nas estações do ano, um fazer e ser social, mas igualmente religioso e tradicional, profundamente contemporâneos, que se dizem autonomamente enquanto forma de tradição e arte. Para que estas práticas se realizem, organizam-se grupos e associações que contribuem para a coesão comunitária e social, promovendo, pela festa, o nascimento de um sentimento de pertença, de grupo, de região, confirmando o valor das relações em sociedade e no grupo. Nascem, assim, oportunidades de ver, ouvir e viver momentos raros da cultura popular portuguesa, momentos que se fazem crença e tradição, momentos onde o povo nos presenteia com instantes irrepetíveis da sua cultura, uma cultura que, na sua pureza e originalidade, nos faz reviver a tradição. No entanto, esta tradição encontra-se algumas vezes adulterada por vivências e influências externas.

Por vezes, contudo, por razões sociais e materiais várias, tende a desaparecer como realidade viva. Urge efetuar a sua recuperação e preservação, mas também de um património material e imaterial que se encontra quantas vezes ao abandono, voltado ao esquecimento, e que,

da mesma maneira que se preservam as relíquias literárias, plásticas e arquitectónicas do passado, não só pelo seu valor intrínseco, como por constituírem testemunhos de cultura e de civilização, ( ... ) como produto e documento de atividade estética, que de toda a evidência é, tem jus a ser recolhida, arquivada

e estudada, e tanto mais quanto ela pode na realidade prestar incalculáveis benefícios de ordem educativa e artística. (Lopes-Graça, 1953, pp. 19–20)

Este património material e imaterial deveria ser investigado, registado, arquivado e divulgado, para que mais tarde possamos aceder a elementos de uma cultura rica e extensa em significantes e significados que devemos ousar. Ora, e da mesma forma que Lopes-Graça (1953) afirma a relevância e importância dum espólio musical de inegável riqueza, saber e tradição, sendo, no seu entender, indispensável e necessário olhá-lo como fonte de inesgotável estudo e tradição, permitimo-nos alargar esta sua posição a todas as fontes de cultura e tradição presentes, ao longo de todo o território português, para que, no seu estudo e preservação, permaneçam vivas as tradições, constituindo-se em objetos de interesse tanto para estudiosos, como para intelectuais, sendo que a tradição do entrudo e os cardadores de Vale-de-Ílhavo se mostram como elementos de identificação e caracterização de paisagens visuais e sonoras imanentes de um ritual e de uma tradição singular, genuína e culta.

## Referências

- Ferreira, H. (2016). *Rituais com máscara – Rota das máscaras em Portugal*. Progestur.
- Furlanetto, B. H. (2017). *Paisagem sonora do Boi-de-Mamão paranaense, uma geografia emocional*. UFPR Editora.
- Lopes-Graça, F. (1953). *A canção popular portuguesa*. Publicações Europa-América.
- Morin, E. (1970). *O homem e a morte* (J. G. Boto & A. dos S. Rodrigues, Trad.). Publicações Europa-América. (Trabalho original publicado em 1948)
- Schafer, M. (1997). *A afinação do mundo* (M. T. Fonterrada, Trad.). Editora UNESP. (Trabalho original publicado em 1977)